

Nélson de Araújo: um exílio em terras baianas

Lourdisnete Silva Benevides¹

em meus chinelos trago a minha aldeia
sob meu rastro tatuada e eterna
meu trisavô pulsando em minhas veias
minha palavra é sua voz interna
o seu olhar em meu sorriso sonha
em meu sorriso, seu olhar hiberna
e minha aldeia segue o meu destino
meu trisavô em mim refaz seus elos
se no universo penso e me confino
é que meu mundo trago em meus chinelos
(COLARES, 2019)

205



Natural da cidade de Capela, o sergipano Nélson Correia de Araújo nasceu a 4 de setembro de 1926. Estudou no Colégio Salesiano de Aracaju e, em 1949, migrou para a Cidade da Bahia, capital do Estado², onde, depois de tantos estudos e trabalhos esforçados, veio a falecer³ no dia 7 de abril de 1993, aos 67 anos, após três casamentos e numerosos filhos. Escritor brasileiro renomado⁴ foi autor de inúmeros livros sobre a história e o povo do Brasil e em seu exílio soteropolitano construiu uma admirável trajetória profissional que o coloca entre os mais importantes intelectuais brasileiros.

1 Doutora em Educação (PPGED/UFES); Mestre em Artes Cênicas (PPGAC/UFBA); Licenciada em Teatro e Bacharelada em Direção Teatral (Escola de Teatro/UFBA); Professora e pesquisadora (PPGCULT/UFES); Membro do IGHBA e da ABRACE; Atriz; Roteirista e Arte-educadora. Escreveu, entre outras publicações: “A Louvação das Prostitutas de Riachão do Jacuípe ao Glorioso São Roque” (Selo Letras da Bahia - Salvador: EGBA, 2006); “A cidade em mim” (Aracaju: EDISE, 2017); E-mail: netebenevides@hotmail.com; <http://lattes.cnpq.br/9156650271767822>

2 De 1949 até meados do Governo Militar a Bahia (como estado federativo) não pertencia ou não era parte da região Nordeste, mas à região Leste. Sua capital não se chamava Salvador ou Cidade do Salvador, mas simplesmente Bahia ou Cidade da Bahia. A autora respeitou os fatos históricos e considerou Cidade da Bahia.

3 Seu funeral ocorreu na Escola de Teatro da UFBA, no bairro do Canela, e de lá seguiu para Cemitério do Campo Santo, no bairro da Federação, cercado de muitas demonstrações de carinho e respeito, principalmente pela comunidade intelectual e jornalística soteropolitana.

4 Tendo recebido o Prêmio Gerhard Meyer Suerdieck, entre suas produções literárias podemos citar: “Acidente na Estrada e Outras Histórias”; “A Companhia das Índias”; “Rosarosae, rosaerosa”; “Auto do Tempo e da Fé”; “História do Teatro”, “Duas Formas de Teatro Popular do Recôncavo Baiano”; “O Baile Pastoril na Bahia”; “A Percepção da Realidade Africana no Brasil” e “La Percepcion de la Realidade Africana en el Brasil”.

É possível elencarmos a sua atuação como jornalista⁵; escritor⁶; repórter; teatrólogo⁷; ensaísta; tradutor⁸; revisor; editor⁹; fotógrafo¹⁰; documentarista¹¹; laboratorista; pesquisador dos folguedos populares¹² e,

- 5 Trabalhou na redação do Jornal A Tarde, onde foi tradutor de telegramas e atuou também como colaborador.
- 6 Nos anos de 1950 ele era respeitadíssimo na Livraria Progresso Editora, a mais importante referência literária na Bahia de então em: <https://blogdogutemberg.blogspot.com/2006/11/nelson-de-arajo.html>. Acesso em: 19 out. 2019.
- 7 Em 1990, foram publicadas as peças “Joana Angélica”, “Um Homem Maduro para Morrer”; “A Guerra de Magali em São Jorge dos Ilhéus” e “A Companhia das Índias”, no livro “Teatro: Quatro Textos para Encenação”, de sua autoria. Também é deste ano “A História de Duas Famílias”. Em 1991, quatrocentos anos depois da passagem do Visitador do Santo Ofício pelas terras baianas, inspirou-se, escreveu e publicou sua maior obra de ficção, “1591 - A Santa Inquisição na Bahia”, e ainda “Oliveira dos Campinhos, passado e presente de um arraial do Recôncavo”. Em 1992 publicou “O Amor Amargo de Belira e Roque”, e produziu a sua derradeira obra, “Os Sinos do Pilar”. Em 1997 o Instituto Baiano do Livro lançou o volume de estreia da série Conversa de Editor, intitulado Editoração, Ato de Amor ao Livro, em que divulga a palestra que Nélson de Araújo proferiu na abertura do I Encontro de Editoração da Bahia, em setembro de 1990”. Disponível: <https://blogdogutemberg.blogspot.com/2006/11/nelson-de-arajo.html>. Acesso em: 19 out. 2019.
- 8 Ainda em Capela interessou-se pelo rádio e provavelmente o gosto por sintonizar as emisoras de todo o mundo tenha lhe provocado a habilidade para o aprendizado de idiomas estrangeiros. Lia em inglês, francês, espanhol e russo, tendo traduzido textos do sociólogo francês Jean DuVignaud e do antropólogo inglês James Frazer. Criou a sua própria editora, “Edições O Vice-Rey” e concebeu duas relevantes coleções, a “Coleção Tule”, em parceria com Milton Santos, e que foi mantida pela Imprensa Oficial da Bahia de 1959 a 1961 visando a divulgação de autores baianos. Também, “Publicações da coleção Recôncavo, do Museu do Recôncavo Wanderley Pinho”, série de ensaios da história, arte e etnografia baianas. Foi editor da Coleção Imagens e Documentos. Foi co-fundador e redator-chefe da “Afro-Ásia”, revista do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, onde promoveu eventos acadêmicos marcantes, com a participação da comunidade negra local e da “Revista Universitas de cultura”, da Universidade Federal da Bahia. Criou a série de edições Ensaio/Pesquisa. Em 1982 editou os livros “Entre Melpômene e Clio (ensaios)”; “o Teatro do Pobre” (pesquisa-ensaio); as suas novelas “O Império do Divino visto pelos Olhos de Pisa-Mansinho”; “Vida, Paixão e Morte Republicana”, de Dom Ramon Fernandez y Fernandez; “Aventuras de um Caçador de Arcas em Terra”; “Mar e Sonho”, depois reunidas no volume Três Novelas do Povo Baiano e “Folclore e Política”, em 1988.
- 9 Criou a sua própria editora, “Edições O Vice-Rey” e concebeu duas relevantes coleções, a “Coleção Tule”, em parceria com Milton Santos, e que foi mantida pela Imprensa Oficial da Bahia de 1959 a 1961 visando a divulgação de autores baianos. Também, “Publicações da coleção Recôncavo, do Museu do Recôncavo Wanderley Pinho”, série de ensaios da história, arte e etnografia baianas. Foi editor da Coleção Imagens e Documentos. Foi co-fundador e redator-chefe da “Afro-Ásia”, revista do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, onde promoveu eventos acadêmicos marcantes, com a participação da comunidade negra local e da “Revista Universitas de cultura”, da Universidade Federal da Bahia. Criou a série de edições Ensaio/Pesquisa. Em 1982 editou os livros “Entre Melpômene e Clio (ensaios)”; “o Teatro do Pobre” (pesquisa-ensaio); as suas novelas “O Império do Divino visto pelos Olhos de Pisa-Mansinho”; “Vida, Paixão e Morte Republicana”, de Dom Ramon Fernandez y Fernandez; “Aventuras de um Caçador de Arcas em Terra”; “Mar e Sonho”, depois reunidas no volume Três Novelas do Povo Baiano e “Folclore e Política”, em 1988.
- 10 Em 1969 recebeu menção honrosa no II Salão Baiano de Fotografia Contemporânea.
- 11 Participou de produções áudio-visuais como editor do disco Som e Voz da Bahia (1968) e da direção dos documentários “A Baía de Tinharé” (1973), “Garimpos e Garimpeiros da Bahia” (1974), “Frederico Edelweiss” (1976, ao lado de Getúlio Vargas Menezes) e “O Último Major” (1971).
- 12 Interessado no registro e na compreensão das expressões coletivas do povo economicamente menos favorecido e no drama circense, Nélson criou o Grupo de Estudos do Teatro Popular, com o qual efetuou pesquisas nas várias regiões do estado da Bahia.

apesar de não ter concluído o ensino médio, também, professor da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia (UFBA)¹³. O fato se deu por ele ter conquistado a reputação necessária para ingressar na academia, em consequência das inúmeras atividades como autodidatas e relevantes pesquisas realizadas, no âmbito das espetacularidades artísticas e manifestações populares baianas, desde os anos de 1960.

Sergipe, porém, sempre se manteve especialmente presente em sua vida pessoal e intelectual, quer seja pelas inúmeras viagens afetivas realizadas para visitar familiares sergipanos, quer seja pela sua formação cultural sergipana, pois “desde pequeno, a curiosidade despontou para epopeias em folhetos de cordel, lendas de botijas e lobisomens, histórias sobre pastores e gente de circo”, lembra o jornalista Gutemberg Cruz (2019). Uma estreita relação, principalmente no que diz respeito a sua já referida experiência literária. Inclusive, na dramaturgia¹⁴, no olhar atento para as culturas populares e o pujante interesse em registrar eventos históricos e culturais produzidos pela humanidade.

Um dia desses, em conversa com a professora e pesquisadora. Beatriz Góis Dantas, sobre a urgência com que Nélson de Araújo deve ser reconduzido a sua terra natal, com todo reconhecimento merecido, ao lado de outras fundamentais referências nos estudos culturais sergipanos/nordestinos/brasileiros, tais como Sílvio Romero, Clodomir Silva e a própria Beatriz Góis Dantas, esta colega da Universidade Federal de Sergipe concluiu: “Nete, divulgar a figura e a obra de Nélson de Araújo na UFS¹⁵ já seria uma ação muito meritória». Com certeza, querida, suas cuidadosas palavras me deram a mobilização que eu precisava para assumir esta tarefa de (re) apresentar Nélson de Araújo mobilizada justamente pela importância do ilustre capelense no cenário cultural sergipano¹⁶.

13 Vale lembrar que a instituição Universidade Federal da Bahia não nasceu com este nome, mas simplesmente Universidade da Bahia. Só depois, também no Governo Militar, ela passou a se chamar oficialmente Universidade Federal da Bahia.

14 Em “Um homem maduro para a morte”, comédia em Ato Único, adaptada por Nélson de Araújo de um conto da sua autoria (ARAÚJO, Nélson de. Teatro: quatro textos para encenação. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1990, p. 31), a ação se passa numa residência aracajuana localizada na pracinha da colina do bairro do Santo Antônio. O cenário é a sala da frente da casa, com janela ao fundo, através da qual se avista a igreja do Santo Antônio. A peça se inicia com uma voz, ao longe, de um jornaleiro: “Correio de Aracaju! Correio de Aracaju! Fraude nas eleições de São Cristóvão e Propriá!

15 De 16 a 18 de outubro de 2019 o Programa de Pós-graduação em Culturas Populares (PPG-CULT/UFES) realizou o “2º Seminário Culturas Populares em debate”, ocorrido no Auditório da ADUFS (Campus de São Cristóvão/UFES). Dia 16 de outubro, participei da mesa de debates “Um ‘Salve’ para quem abriu caminhos”, referida à memória das pesquisas sobre culturas populares em Sergipe. Na ocasião apresentei a comunicação “O exílio do sergipano Nélson de Araújo em terras baianas

16 A propósito dos estudos culturais sergipanos é de fundamental importância a grande contribuição de Profa. Aglaé d’Ávila Fontes, atual Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, em especial pelas suas produções teatrais com base na cultura popular sergipana. E, também Luiz Antônio Barreto, falecido em Aracaju, em 17/04/2012, jornalista e historiador, responsável pela criação dos Encontros Culturais de Laranjeiras. Ambos tiveram (e ainda tem, no caso de Aglaé) destacadas atuações nas áreas de educação, cultura, história, comunicação, literatura e folclore, exercendo cargos de gestão, inclusive, em instituições públicas e privadas.



Nélson costumava dizer que gostava de se concentrar no trabalho sobre as manifestações populares por uma questão de urgência, no sentido sociológico.

São formas que estão sob um impacto violento de ordem política e econômica. Então a gente sente que é preciso fazer algo e por isso desloquei minha atenção para essas coisas que estão vivas ou sobrevivendo. É uma atitude política, no sentido amplo, cultural, de não deixar que as coisas do povo baiano desapareçam (ARAÚJO, 1992, p.5).

Para além de provocar o meu ingresso no mestrado do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas/PPGAC/UFBA, através da pesquisa “A Louvação das prostitutas do Jacuípe ao glorioso São Roque, em 2003”¹⁷, o meu cuidado e respeito com a memória do Mestre Nélson de Araújo se justifica por conta da sua importância histórica na vida literária e intelectual da Bahia. Principalmente no incentivo às pesquisas realizadas na área da cultura e da arte e, de toda maneira, também na educação.

De fato, o seu compromisso político-pedagógico com a pesquisa e as festividades populares fez-me escrever o artigo “Folclore de Perdição”, com base em uma tarefa que eu havia realizado para a disciplina “Expressões Dramáticas do Folclore”¹⁸. Elegantemente, destacou que todos os créditos daquele artigo deveriam ser atribuídos a sua aluna Lourdisnete Silva Benevides. Esse generoso apadrinhamento, iniciando-me como pesquisadora junto à intelectualidade da Bahia, encontra-se na apresentação do referido mestrado, onde registrei:

em setembro de 1992, como aluna de Licenciatura em Teatro, na Universidade Federal da Bahia, fui solicitada pelo saudoso professor Nélson de Araújo, incansável pesquisador das manifestações populares, através da disciplina Expressões Dramáticas do Folclore Brasileiro, a realizar uma pesquisa livre sobre alguma manifestação popular. Escolhido como tema para estudo, o cortejo organizado pelas raparigas de Riachão do Jacuípe causou impacto. Para Nélson de Araújo, a relevância daquele fato pesquisado não se achava em seus aspectos pitorescos, mas em seu aspecto de objeto social para estudo. Interessado pela descoberta do referido evento, escreveu “Folclore de Perdição”, quando também utilizou os dados daquela pesquisa, ressaltando que a característica peculiar do folguedo popular é ser encampado pelas raparigas da Rua do Fogo. O texto provocou o interesse do cineasta baiano Agnal-

17 A referida dissertação de mestrado promoveu a edição do livro: BENEVIDES, Lourdisnete Silva. A Louvação das prostitutas de Riachão do Jacuípe ao Glorioso São Roque. Salvador: EGBA, 2006.

18 Durante a sua vida docente na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia (UFBA) Nélson lecionou as disciplinas Expressões Dramáticas do Folclore e História do Teatro.

do Siri, que pretendeu realizar, em parceria com o produtor Chico Drummond um documentário sobre o evento festivo. Na época, Siri procurou-me emocionado, informando-me que havia passado parte da sua infância em Riachão. Contudo, foi por intermédio do ficcionista Miguel Carneiro, primo do cineasta Olney São Paulo, que o vídeo surgiu, em 1999, quando esse roteirizou e dirigiu “O Glorioso São Roque do Jacuípe” pela DIMAS/Governo do Estado da Bahia. A relevância desta pesquisa provocou, durante o desenvolvimento do trabalho de campo, em agosto de 2002, outro registro em vídeo intitulado “Festa de São Roque”, esse com roteiro e direção do jornalista Josias Pires, como parte do projeto Bahia Singular e Plural, produzido pelo IRDEB. Graças ao advento do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas/PPGAC, UFBA, em 1997, especificamente a criação da “Linha I - Matrizes Culturais na Cena Contemporânea, que compreende as pesquisas de caráter transdisciplinar em ciências humanas e artes do espetáculo, sobre matrizes culturais em manifestações espetaculares, estudos dramaturgicos, metodológicos de transmissão de conhecimentos cênicos e etnocenologia”, que permitiu desenvolver uma reflexão dessa natureza. Fui motivada a prosseguir a pesquisa sobre essa festividade. Deste modo, e pela relevância do referido fato, propus ao PPGAC-UFBA o presente Projeto de Dissertação para o curso de Mestrado em Artes Cênicas (BENEVIDES, 2006, p.15-16).



A presença do pesquisador sergipano nas Escolas de Teatro e Belas Artes da UFBA e suas andanças pelos bairros do Canela e Garcia também é lembrada pelo jornalista Gilfrancisco como uma saudosa memória so-teropolitana:

durante os anos 1970 e 1980, período em que me encontrava lotado na Reitoria da UFBA, almoçávamos quase que diariamente na Escola de Teatro, antigo Solar Santo Antônio, pousada que abrigava estudantes e comerciantes vindos das cidades do interior, bem próximo ao Palácio da Reitoria, Rua Araújo Pinho. D. Cotinha e Sr. Olegário eram os “proprietários” da Cantina, um casal de idosos muito amáveis, que sobreviviam com ajuda dos netos para servirem os almoços. O ambiente era harmônico... Almoçávamos também na Cantina de D. Hildete Cantalino na Escola de Belas Artes, onde eu estudava. Estávamos sempre em busca de novos temperos da culinária baiana e certamente de olho nas alunas. Ambas as Escolas tinham semelhanças: na arquitetura do casarão, no jardim florido e bem cuidado, as mesmas árvores centenárias e por fim o público frequentador. Vez por outra topávamos com Leonardo Alencar, recém-chegado da Europa. Durante o almoço conversávamos sobre tudo: os novos projetos, literatura, as pesquisas, as intrigas jornalísticas, por aí a fora. Às vezes após o almoço, íamos andando até o Centro de Estudos Afro-Orientais - CEAO que ficava na Rua Leovigildo Filgueiras – Garcia, acertar algumas pendências com

a professora lêda Maria Castro (Diretora) ou consultar alguns livros com o bibliotecário Climério Joaquim Ferreira. Foi numa dessas idas que conheci José Ramos Tinhorão, que pesquisava a música de barbeiro, tema do seu próximo livro. Resolvidos os problemas, retornávamos ao ponto de partida e nos dirigíamos até o Bar Bohemia de propriedade do simpático casal argentino, Célia e Mário, localizado ao lado da Escola de Teatro, num amplo casarão onde funcionou por algum tempo sessões da antiga Bahiatursa, discutir assuntos referentes a trabalhos em andamento, sempre acompanhado de uma cervejinha. Freqüentávamos esse Bar por vários motivos: a aproximação da Escola e o atendimento respeitoso dos proprietários e funcionários do estabelecimento. Era um ambiente de alunos e professores, procedentes das Escolas: de Belas Artes, Dança e Teatro (SANTOS, 2019, *online*).

210



O nome de Nelson de Araújo batizou a biblioteca da Escola de Teatro, com justo merecimento. A sua atuação como professor universitário vislumbrava uma ação que ultrapassava as exigências do mercado de trabalho. Sobretudo porque ele compreendia a produção criativa e intelectual como possibilidade de expansão do fazer educacional. E este contexto como uma usina de ideias conectada ao entorno das comunidades a que todo sujeito se insere e, nesse sentido, é possível observar seu apreço pela pluralidade das manifestações culturais.

O fato é que ele interessava-se pelo mapeamento e estudo crítico-descritivo do universo das expressões dramáticas do folclore inseridas na territorialidade baiana. Especialmente porque acreditava serem elas a base de um teatro genuinamente brasileiro, tendo como origem os espetáculos populares do Norte e do Nordeste do Brasil. Assim, desenvolveu diversas pesquisas¹⁹, tendo como colaboradores discentes da Escola de Música e Artes Cênicas (EMAC) da Universidade Federal da Bahia. Essas incursões provocaram a publicação da trilogia “Pequenos Mundos – um panorama da cultura popular da Bahia (1986)²⁰”, uma obra de grande relevância sobre a temática apresentada.

No decorrer da sua trajetória como pesquisador reduziu ao máximo sua preocupação inicial com um método de pesquisa. Aliás, este era seu método: interessava-se por uma junção de dados, fatos e experiências do próprio pesquisador em relação ao fenômeno em análise. Por outro lado, considerava, ainda, as interpretações dos sujeitos das manifestações espetaculares. Curiosamente, foi essa metodologia empregada pelo

19 Essas pesquisas de campo investigaram as formas populares de espetáculo e folclore no estado da Bahia. Foram documentadas diversas comunidades do Recôncavo, Norte e Nordeste, Costa Rural, região do São Francisco, Chapada Diamantina, Valença, Região Cacaueira, Extremo Sul, Área Pastoral e Extremo Oeste.

20 Foram escritos três volumes publicados como o I (1986) e II (1988). O volume III foi publicado em 1997, quatro anos após sua morte.

professor sergipano que provocou diálogos interessantes com a disciplina Etnocenologia, a etnociência das Artes Cênicas.

A etnocenologia surgiu em 1995, na França, (quase duas décadas após as primeiras pesquisas realizadas por Néelson de Araújo)²¹, como uma nova disciplina dos estudos dos fenômenos espetaculares propondo-se a lançar um olhar diferenciado às práticas e comportamentos espetaculares humanamente organizados, procurando considerar a alteridade como referência ética aos objetos estudados nesta área. Tendo uma formação inicial constituída por Jean Duvignaud, André Marcel d’Ans, Françoise Gründ, Chérif Khaznadar, Jean-Marie Pradier e Armindo Bião, é certo que apenas Pradier e Bião, por conta dos seus vínculos político-institucionais, puderam estabelecer uma base acadêmica da etnocenologia.

Nesse mesmo ano Pradier funda, em Paris 8, o Laboratoire d’Ethnoscénologie e em 1994, Armindo Bião funda, o Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade (GIPE-CIT), na Escola de Teatro da UFBA, o qual veio dar origem à criação, em 1997, do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas (PPGAC/UFBA).

Foi nesse programa que em março de 1999, sob a orientação do Prof. Armindo Jorge de Carvalho Bião, o então mestrando Adailton Silva dos Santos²² apresentou a pesquisa “Nos pequenos mundos da Bahia - uma aproximação teórica entre a etnocenologia e a obra de Nelson de Araújo”, propondo-se a analisar convergências teóricas entre as teses da etnocenologia e as ideias encontradas na obra de Néelson de Araújo, a quem Silva dos Santos considera “o maior pesquisador na Bahia” (SANTOS, 2000, p. 247) e sobre ele esquematizou o sua pesquisa:

é assim que, como base para a sedimentação de tal propósito, fizemos o levantamento do modelo de método cumprido por Nelson de Araújo, ao mesmo tempo em que buscamos compreender sua obra e sua conduta como pesquisador. Assim apresentamos um esquema genérico do nosso trabalho organizado na forma que se segue. O primeiro capítulo, intitulado O Pesquisador Nelson de Araújo, é dividido em cinco grandes tópicos. O primeiro, Visão Panorâmica da Obra de Nelson de Araújo e de seus Objetivos, o segundo tópico, intitulado Nelson de Araújo, O Pesquisador, o terceiro tópico é denominado Seu Método, o penúltimo tópico, intitula-se A Amplitude de sua Obra e, encerrando esse capítulo, A Evolução da Idéia de Teatro em sua obra. O primeiro tópico geral do segundo capítulo, é intitulado O Atual Estágio da Etnocenologia, depois segue-se do tópico Pontos Chaves em seu Mani-

21 Néelson propôs a criação de uma disciplina denominada Etnoteatrológica. Na década de 1990 essa ideia é revisitada através de Chérif Khaznadar, em suas discussões a propósito da consolidação da disciplina Etnocenologia.

22 Professor Adjunto d Universidade Federal da Bahia (UNEB).





festos, e Uma Problematização do Conceito de Etnocenologia, o quarto tópico deste capítulo intitula-se Um Breve Histórico da Disciplina, e o último aspecto abordado prepara o tópico seguinte que chama-se Linhas Evolutivas da Etnocenologia. São feitas ainda, à guisa de conclusão do capítulo, as intituladas Considerações sobre as Perspectivas da Etnocenologia. Finalmente, o terceiro e último capítulo apresenta a seguinte estrutura: uma brevíssima introdução e dois grandes tópicos, estes intitulados O Horizonte Teórico de Nelson de Araújo e Aproximação dos Conceitos e Condutas. A Aproximação dos Conceitos e Condutas, título do último tópico do terceiro capítulo desse estudo, é o mais importante de todos, porque é nele que são mostrados os pontos de mais forte ligação entre os objetos aqui tomados. Incluímos no texto aqui apresentado ainda, um Apêndice, porque o assunto ali tratado detém-se demais em questões especificamente voltadas às relações de Nelson de Araújo com o teatro popular. Investigamos, inclusive, o emprego do termo “Popular” usado por aquele pesquisador, ante um recorte de exclusivo uso no universo teatral contemporâneo (SANTOS, 2000, p.249-250).

Nélson foi um homem de teatro e deu uma relevante contribuição para as referências bibliográficas à propósito do teatro, particularmente com a publicação do livro “A História do Teatro” (1978). De um modo geral foi um intelectual da cultura brasileira, tendo, inclusive, influenciado, com a sua obra “A Companhia das Índias”, o filme Terra em Transe, do Cineasta Glauber Rocha.

Considerar a relação interdisciplinar entre a produção intelectual do pesquisador capelense e as linhas de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Culturas Populares²³ (PPGCULT/UFS) é motivo de júbilo e aplausos para a afirmação da pesquisa em cultura popular. O PPGCULT, em Sergipe, constituiu-se em sua singularidade a partir do PPGAC/UFBA, e, seguramente com base epistemológica da Etnocenologia e dos estudos de Nélson de Araújo.

Quem também nutriu-se dos estudos de Nélson foi a série “Bahia Singular e Plural”, da TV Educativa (TVE) da Bahia. Durante a afirmação da regionalização da produção de TV no Brasil, entre os anos de 1997 e 2003, a TVE documentou e exibiu inúmeros registros audiovisuais de folguedos, festas e rituais religiosos populares do território baiano. O jornalista

23 Em 22 de agosto de 2017 nasceu o PPGCULT/UFS, tendo na sua formação inicial os (as) professores (as): Alexandra Gouvea Dumas; Bernard Jean Jacques Charlot; Clovis Carvalho Brito; Denio Santos Azevedo; Edilene Dias Matos; Germana Gonçalves de Araújo; Lourdisnete Silva Benevides; Maicyra Teles Leão e Silva; Maria Augusta Mundim Vargas; Neila Dourado Gonçalves Maciel; Rosana Eduardo da Silva Leal e Sonia de Souza Mendonça Menezes.

Josias Pires Neto, que apresentou dissertação de mestrado²⁴ sobre esta experiência televisiva de caráter jornalístico explica que

focada no registro e difusão audiovisual de folguedos, festas e rituais religiosos populares, a série televisiva revela um conjunto de expressões culturais que interpela as artes cênicas, na medida em que contém elementos inspiradores para a montagem de espetáculos teatrais, tais como técnicas seculares de encenação com o uso de textos, indumentárias, adereços, figurinos, maquiagem, cenografia, músicas, danças e movimentos coreográficos; além de jogar luz sobre temas e personagens arquetípicos da cultura baiana, nordestina e brasileira (PIRES NETO, 2007, p.319).

Nesse contexto é importante observar a conexão entre o campo baiano das artes cênicas e o registro da cultura popular a partir daquelas pesquisas realizadas por Nélson de Araújo, na década de 1980, compreendendo que

a série Bahia e Plural pode ser vista como o desdobramento audiovisual daquela pesquisa. Tal como faz o escritor sergipano radicado na Bahia, a TV Educativa foca em suas lentes, sobretudo, sobre a cultura dos pequenos mundos, buscando igualmente captar aspectos míticos e ritualísticos presentes nas festas, folguedos e rituais religiosos populares (PIRES NETO, 2007, p.341).

Josias Pires destaca que a veia literária de Nélson “é sobretudo descritiva, porém ela é pluridisciplinar, na medida em que lança mão de recursos – mesmo que de modo pouco analítico – da antropologia, da história, da sociologia, da lingüística, da geografia, da psicologia, da filosofia e dos estudos teatrais” (PIRES NETO, 2007, p.342). Esses, inclusive conectados com as manifestações culturais populares baianas.

Sobre essa mesma área de interesse, no PPGCULT/UFS, diversas pesquisas de mestrado estão sendo realizadas e algumas até já foram apresentadas, em 2019. Não apenas sobre a potência cultural de Sergipe, especificamente, mas também, até o momento, sobre problemáticas culturais dos estados de Alagoas, Pernambuco, Minas Gerais, Bahia e Paraíba.

Por tamanha expansão da pesquisa cultural creio que para Nélson de Araújo a importante instalação de uma Pós-graduação em Culturas Populares na Universidade Federal de Sergipe seria motivo de grande contentamento. Por isso, penso nele e na sua formação cultural, a vida longe de Capela e de Aracaju, seus propósitos intelectuais, seu amor a pesquisa, sua inserção cultural na Bahia, no Brasil e no mundo. Sua vigorosa contribuição para a história do teatro e os estudos espetaculares.

24 A série “Bahia Singular e Plural”, da TV Educativa (TVE) da Bahia, foi objeto de uma dissertação de mestrado, realizada por Josias Pires, no PPGAC/UFBA, sob orientação do Prof. Dr. Armindo Bião.



Todos nós trazemos na alma uma história de exílio. O que importa, por fim, é descobrirmos o que fazemos com esta experiência pessoal. O trabalho realizado pelo pesquisador Nélson de Araújo, em seu exílio baiano não se limita apenas ao estado da Bahia, onde, em 1982, mereceu o prêmio Martim Gonçalves, pelo conjunto dos seus trabalhos teatrais. Ou por conta do título de Cidadão da Cidade do Salvador, recebido em 1985, concedido pela Câmara Municipal da capital da Bahia.

Esta trajetória intelectual se inicia em Capela, nos primeiros olhares lançados sobre o mundo. Depois, na Bahia, embriagando-se da sua boêmia e da criatividade do seu povo. E, ainda reconectando-se com um imaginário cultural que já teve Sergipe e Bahia como uma só região. E, talvez seja por isso que este mesmo sentimento é vivido por muitos baianos e sergipanos, entre esses, eu própria, que assino embaixo das suas poéticas e humoradas palavras: “Num dia recupero o meu sotaque sergipano, ao chegar a Sergipe, no outro recupero o baiano, ao voltar à Bahia” (ARAÚJO, 1990), brincava Nélson.

Para ele, o importante era a pesquisa de campo e o mapeamento dos registros das formas populares de espetáculos e do folclore em todo o interior da Bahia. Este seu olhar para o fato produziu o mapeamento das regiões geo-culturais do Estado e nos legou um extraordinário documento das manifestações vivas, ainda existentes, oriundas dos antigos complexos cultural-civilizatórios no território baiano, as quais foram editadas na trilogia “Pequenos Mundos” (ARAÚJO, 1986).

Mobilizada pela sua vigorosa produção cultural na Bahia e por conta do meu doutoramento na formação teatral sergipana²⁵, eu desejei mapear a cultura popular do estado de Sergipe. Em especial porque percebi que muitas pessoas com quem eu conversava desconheciam a cultura popular da maioria das cidades sergipanas. Preocupe-me com esta realidade. Decidi, dessa maneira, elaborar um projeto de extensão universitária agregando discentes do Departamento de Teatro da UFS, em um coletivo interdisciplinar. A ação visava fomentar a pesquisa na área da cultura popular, efetivar uma ocupação artística e pedagógica, empreender a formação de plateia junto a população sergipana e preencher este hiato histórico.

Assim, durante os anos de 2016 e 2017 coordenei um Projeto de Extensão, encampado pela PROEX/DTE/UFS, intitulado, “Pirlipatinha e a Castanha de Cajuaçu: um mergulho interdisciplinar na cultura sergipana”. O projeto voltado para a comunidade sergipana encenou o roteiro teatral

25 Em 2011, sob a orientação do Prof. Bernard Charlot, eu ingressei no Núcleo de Pós-graduação em Educação (atual Programa de Pós-Graduação em Educação), justamente para compreender como se deu a formação teatral em Aracaju, nos tempos que antecederam a criação do curso de Licenciatura em Teatro, sobretudo porque eu desejava compreender como se aprende a fazer teatro quando não há uma escola formal para se ensinar a fazer teatro. O estudo possibilitou a publicação pela EDISE em 2017 do livro “A Cidade em Mim”.



“Pirlipatinha e a Castanha de Cajuaçu²⁶ e teve diversas apresentações em Aracaju²⁷ e nas cidades de Simão Dias²⁸ e São Cristóvão²⁹.”

Com este itinerário cênico eu tinha em mãos uma interessante chance de falar de cultura popular sergipana e não me furtei à chance de legitimar a presença de Nélson de Araújo no cenário teatral de Sergipe. Há uma cena em que Mestre Ricardo Maia (Antonio Passos) e o menino Netinho (Elivânio Nunes) andam por diversas cidades do interior de Sergipe, como dois peregrinos, a procura da Castanha de Cajuaçu, para salvar a princesinha Pirlipatinha do sono profundo. Ao chegarem à cidade de Capela, cidade natal de Nélson de Araújo, eles encontram dois seresteiros e nesse momento, numa licença poética a Nélson de Araújo, a autora do texto cênico presta-lhe uma homenagem com uma seresta, na cena que podemos observar a seguir:

[...]

Mulher (Jéssica Lorrani): Olhe, meu filho, aqui na Mussuca a gente tem é Samba de Pareia e o São Gonçalo. Lindos!!! E, aqui, na Mussuca, nós temos é a Castanha de Caju, que é uma delícia. Pense! Já provou? Agora a Castanha de Cajuaçu... essa não tem não. Eu nunca ouvi falar dessa castanha por aqui.

- 26 Concebida, em 1972, pela editora “Discastro”, do então estado da Guanabara, “Pirlipatinha e o Quebra Nozes” faz parte do lançamento de uma coleção de disquinhos de vinil de 7 polegadas. Esses discos eram acompanhados de um livrinho contando a mesmas histórias de cada disco e concorriam com as histórias de Walt Disney, da editora Abril. Entre os fascículos podemos elencar: 01- Aventuras do Coelhozinho Ronaldo; 02- Escolinha Risonha; 03- O Príncipe Pobre (texto e música por Geny Marcondes); 05- O Festival da Canção; 05- Pirlipatinha e o Quebra Nozes; 07- Bicho Folharal; 08- A Flauta Encantada; 09- Datas Felizes; 10- A Pesca da Onça e 11- O Moço Adivinho. O comediante Roberto Roney fazia a voz do coelho Ronaldo e Apolo Correa a voz do papagaio. O roteiro teatral “Pirlipatinha e a Castanha de Cajuaçu” é uma adaptação livre da história infantil “Pirlipatinha e o Quebra Nozes”, elaborada pela Profa. Dra. Lourdisnete Benevides, a qual também assina a Direção/Produção/Divulgação: Direção musical: Humberto Barreto. Figurino, maquiagem e adereços: Jéssica Lorrani. Figurino e adereços: Irabel Soares. Consultoria cenográfica: Laura Benevides. Designer Gráfico: José Jaelson dos Santos e Júlio Gomes. Operação de imagens: Júlio Gomes. Intérprete de Libras: Elma Lima e Cledineide de Jesus Silva. Rei Pirlipatão: Humberto Barreto; Rainha Pirlipata/Cidadã de Japarutuba/Aracaju: Joseane Barbosa e Diandra Xavier; Pirlipatinha/ Cidadã da Mussuca/ Aracaju: Jéssica Lorrani; Mestre Ricardo Maia: (Antônio Passos; Netinho: Elivânio Nunes; Lourdes: Elma Lima e Irabel Soares; Miguel Antônio/Cidadão de Laranjeiras/ Cidadão de Capela/ Aracaju: Wallysson Bispo e Edcley Vasconcelos; Cidadão de Aquidabã/ Cidadão de Capela/Cidadão de Lagarto/Aracaju: Adler Mello; Bruxa Tralalá: Gina Carla Albuquerque; Bruxinha Trelelé Letícia Prado e Nivea Dias; Cidadã de Aquidabã/Cidadã de Japarutuba/Fada açucarada/Aracaju: Rivânia Vitória; Cidadão de Laranjeiras/ Cidadão de Aracaju: Jhonathan Vitro.
- 27 Uma curta temporada no Teatro Lourival Batista, porém, uma longa e importante temporada, de quatro meses, no Auditório da Biblioteca Infantil Epifânio Dórea, com a presença de crianças de diversas escolas municipais e estaduais. A montagem teatral também foi apresentada durante a SEMAC 2016 UFS, auditório da Didática VI e Centro de Vivência/UFS.
- 28 Apresentação para as crianças do Centro de Estudos Supletivos Marcos Ferreira, localizado em Simão Dias/SE.
- 29 Apresentação para as crianças do Lar Esmeralda, localizado em São Cristóvão/SE.

Bruxas (Leticia Prado, Gina Carla Albuquerque e Nivea Dias) passam pela cena e gargalham...

Netinho (Elivânio Nunes): (anunciando) E Mestre Maia andou por Capela

Entra homem 1 (Humberto Barreto) tocando violão e homem 2 (Adler Mello/Edcley Vasconcelos) cantando “Chão de Estrelas de Silvio Caldas e Orestes Barbosa”:

Minha vida era um palco iluminado
Eu vivia vestido de dourado
Palhaço das perdas ilusões
Cheio dos guizos falsos da alegria
Andei cantando a minha fantasia
Entre as palmas febris dos corações
Meu barracão no morro do Salgueiro
Tinha o cantar alegre de um viveiro
Foste a sonoridade que acabou
E hoje, quando do sol, a claridade
Forra o meu barracão, sinto saudade
Da mulher pomba-rola que voou
Nossas roupas comuns dependuradas
Na corda, qual bandeiras agitadas
Pareciam estranho festival!
Festa dos nossos trapos coloridos
A mostrar que nos morros mal vestidos
É sempre feriado nacional
A porta do barraco era sem trinco
Mas a lua, furando o nosso zinco
Salpicava de estrelas nosso chão
Tu pisavas os astros, distraída,
Sem saber que a ventura desta vida
É a cabrocha, o luar e o violão

Mestre Maia (Antonio Passos): Boa noite, meu amigo.

Homem 2: Boa noite!

Mestre Maia: Meu jovem músico, você que provavelmente nasceu aqui nessa cidade tão rica em tradições artísticas. Terra dos atores Antonio Leite, Orlando Vieira e do maestro Leozirio Guimarães. Você com certeza já ouviu falar do seu conterrâneo, o saudoso Prof. Nélson de Araújo, nascido aqui na Capela?

Netinho: E, repare, ele foi responsável pelo estudo e mapeamento das manifestações culturais do Estado da Bahia. Diga!

Mestre Maia: Nélson de Araujo escreveu muitos livros impor-



tantes sobre o teatro e a cultura popular. Ah, quanta saudade de Néelson!!! Sim...mas, você tem conhecimento da Castanha de Cajuaçu, ela se encontra aqui na Capela?

Homem 2: Essa castanha é muito poderosa. Minha mãe me ensinou que ela cura muitas coisas, inclusive enfermidades. Já procuramos muito, até mesmo na poderosa Mata do Junco. Mas, aqui na Capela não temos esse tesouro. Eu lhe dou certeza que aqui nunca se viu essa castanha. Quem dera, ai quem dera! Aqui tem muito é festa, a alma capelense é muito festeira

Bruxas passam pela cena e gargalham...

Netinho: Mestre Maia andou até por Japaratuba

[...] (BENEVIDES, 2015, p.4)



Foi uma honra conhecer Néelson de Araújo e ser iniciada na pesquisa científica a partir daquele seu olhar sempre atento e acolhedor. Outra grande honra é poder mediar a ilustre presença desse amigo querido, em terras sergipanas, e promover a sua visibilidade para muitos que não o tinham em sua formação e na história cultural de Sergipe. E é exatamente para louvar sua memória que eu lhe dedico um verso:

por tudo que aqui foi dito,
pela sua relevante presença no cenário do teatro e da cultura popular brasileira,
por tudo que você construiu na sua vigorosa trajetória humana, artística e intelectual,
pelos frutos que germinaram e germinarão dos seus estudos Bahia afora
e por ter me ensinado a ser generosa com os saberes e fazeres populares.
para você que nos abriu caminhos para além da sua própria vida
um salve a sua existência, Néelson!
agora sou eu quem lhe diz:
os créditos desse ensaio são seus, mestre,
e viva o teatro
e viva a cultura popular brasileira!

(BENEVIDES, 2019, no prelo).

Referências

ARAÚJO, Néelson de. **Pequenos Mundos – um panorama da cultura popular da Bahia**. Salvador: UFBA/ Fundação Casa de Jorge Amado, 1986.

ARAÚJO, Néelson de. **Teatro: quatro textos para encenação**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1990. Orelha do livro.

ARAÚJO, Nelson. Folclore de Perdição. Suplemento Cultural. In: **Jornal A Tarde**. Caderno 2. Salvador, 26 dez. 1992, p. 5.

ARAÚJO, Nelson. Palestra de abertura. In: **I Encontro de Editoração da Bahia**. Set, 1990. Disponível em: <https://blogdogutemberg.blogspot.com/2006/11/nelson-de-arajo.html>. Acesso em: 19 out. 2019.

BENEVIDES, Lourdisnete Silva. **Pirlipatinha e a Castanha de Cajuaçu**. Roteiro Teatral (Apostila). Aracaju, 2015, p.4. (Mimeo).

BENEVIDES, Lourdisnete Silva. **A Louvação das prostitutas de Riachão do Jacuípe ao Glorioso São Roque**. Salvador: EGBA, 2006.

BENEVIDES, Lourdisnete Silva. **Verso de improviso**. Aracaju, 8 dez. 2019. No prelo.

COLARES, Majela. **Minha aldeia e meus chinelos**. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/maj3.html#aldeia>. Acesso em: 8 dez. 2019.

CRUZ, Gutemberg. **Nelson de Araújo**. Disponível em: <https://blogdogutemberg.blogspot.com/2006/11/nelson-de-arajo.html>. Acesso em: 19 out. 2019.

DRUMMOND, Chico. Agnaldo Siri Azevedo. Documentarista, graças a Deus. In: **A Tarde Cultural**. Salvador. 27 nov. 1993.

PIRES NETO, Josias Pires. Bahia Singular e Plural: um registro audiovisual. In: BIÃO, Armindo Jorge. (Org). **Artes do corpo e do espetáculo: questões de etnocenologia**. Salvador: P&A Editora, 2007, p.319.

PRADIER, Jean-Marie. Etnocenologia: a carne do espírito. In: **Revista repertório: teatro e dança**. Salvador, ano 1, n.1,1998. PRADIER, Jean-Marie. Etnocenologia, manifesto. In: **Performance, performáticos e sociedade**. Brasília: UNB, 1996.

SANTOS, Adailton Silva. **Nos pequenos mundos da Bahia: uma aproximação entre a obra de Nelson de Araújo e a Etnocenologia**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1998. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas.

SANTOS, Adailton. A Etnocenologia e as Expressões Populares da Bahia: Interlocação e Perspectivas a partir da obra de Nelson de Araújo. In: **Anais do 1º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas**. São Paulo, set.1999.

SANTOS, Adailton. **A Etnocenologia e as Expressões Populares da Bahia: Interlocação e Perspectivas a partir da obra de Nelson de Araújo** Salvador: Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas – ABRACE, 2000. p. 247.

SANTOS, Gilfrancisco. **Nelson de Araújo: Memórias Reveladas**. 28, set, 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/gilberto.f.santos.12>. Acesso em: 6 out. 2019.

SANTOS, Gilfrancisco. **Nelson de Araújo: Memórias Reveladas**. 28, set, 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/gilberto.f.santos.12>. Acesso em: 6 out. 2019.

